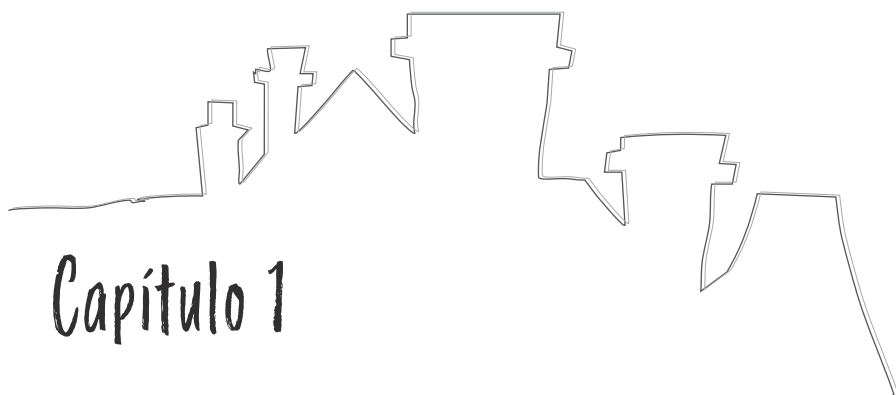




ROBERT THOROGOOD

TORDSILHAS



Asra. Judith Potts tinha setenta e sete anos e estava totalmente satisfeita com sua vida. Morava em um casarão estilo *Arts and Crafts* perto do rio Tâmis, tinha um emprego que amava e que não tomava muito de seu tempo, apenas o suficiente, e o melhor de tudo, não precisava dividir sua vida com homem nenhum. O que significava que não havia ninguém perguntando o que ela preparara para o jantar, nem querendo saber para onde estava indo todas as vezes que saía de casa, tampouco reclamando que ela estava gastando muito com uísque do qual tomava uma pequena dose todas as noites às dezoito horas.

No dia em que a vida de Judith mudou, estavam no auge do verão, e a Inglaterra enfrentava uma onda de calor há semanas. Ela vinha deixando todas as janelas abertas para aproveitar qualquer brisa que soprasse pelo vale, mas parecia não fazer diferença. O calor do sol havia penetrado nos tijolos e na madeira de sua casa; na escadaria de carvalho e em todo o andar de cima.

Depois de jantar assistindo ao noticiário na televisão, ela colocou o prato vazio de lado e pegou o último exemplar da revista *Puzzler*. Abriu-a na seção de passatempos de lógica e começou a tentar resolver um deles. Geralmente, gostava de reduzir a linguagem das pistas à matemática, mas nesta noite simplesmente não tinha ânimo para tal. Estava quente demais para se concentrar.

Sem que percebesse, a mão de Judith foi até a chave que mantinha em uma corrente em volta do pescoço, e seus pensamentos começaram a vagar para o passado, para um tempo bem mais sombrio. Ela se levantou da

cadeira. Isso não funcionaria, disse a si mesma. Não mesmo. Mas sempre havia outra coisa que podia fazer para se manter ocupada. Ela precisava de uma mudança de ares, só isso. E tinha a solução perfeita.

Judith começou a tirar as roupas. A cada peça que removia, sentia-se mais livre das restrições sufocantes do dia. Quando ficou nua, já estava zumbindo com um deleite travesso. Atravessou o corredor, passou pelo piano de cauda Blüthner, que só tocava quando estava muito bêbada, e pegou uma capa de lã cinza-escura que deixava perto da porta da frente. A capa de Judith era seu bem mais valioso. Ela dizia a qualquer um que perguntasse — e muita gente o fazia — que a capa a mantinha aquecida no inverno, servia como toalha de piquenique no verão e que podia, ainda, colocá-la sobre a cabeça caso fosse surpreendida por uma chuva de primavera.

E a melhor parte: Judith acreditava que era uma capa da invisibilidade. Todo fim de tarde, fizesse chuva ou sol, ela tirava suas roupas, enrolava-se na capa e saía de casa, sentindo uma deliciosa onda de travessura atravessá-la. Enfiava os pés em um par de galochas antigas e caminhava pela grama alta à altura dos joelhos — *swish, swish, swish!* — até sua casa de barcos. Como o resto de sua propriedade, era de tijolos cor-de-rosa, tinha estrutura de madeira e estava um tanto decadente. Judith adentrou a escuridão cheia de teias de aranha e tirou as galochas. Pendurou sua capa em um gancho velho e, ainda escondida dos olhares do exterior por um par de portas antigas, desceu a rampa de pedra e entrou no Tâmis.

Aceitar a água fria em contato com a pele era uma experiência quase religiosa, e ela exalou enquanto se inclinava para o abraço do rio. De repente, não pesava nada, apoiada pela água suave que parecia seda em seu corpo.

Ela nadou rio acima, o sol de fim de tarde projetando diamantes na água ao redor. Judith sorriu para si mesma. Ela sempre sorria assim quando estava nadando. Não conseguia evitar. Afinal, poderia muito bem haver pessoas passeando com seus cães ao longo do caminho às margens do Tâmis, e com certeza tinha muita gente não muito longe dali conforme olhava para a torre da igreja de Marlow e para o vão da ponte suspensa em estilo vitoriano que ligava a cidade à pequena vila vizinha, Bisham. E nenhuma delas sabia da existência de uma mulher

de setenta e sete anos nadando por perto, desnuda. Estava pensando *Isto que é vida* quando ouviu um grito.

O barulho veio da margem oposta, de algum lugar perto da casa de seu vizinho Stefan Dunwoody. Mas de onde estava na água, era difícil ver exatamente o que acontecia. Acima dos espessos juncos à beira do rio, conseguia ver apenas o telhado da casa dele.

Judith apurou os ouvidos, mas só havia silêncio. Ela decidiu que devia ter sido um animal. Talvez um cachorro ou uma raposa.

Mas então ouviu a voz de um homem gritar:

— Ei, não!

O que diabos estava acontecendo?

— Stefan, é você? — chamou Judith do rio, mas suas palavras foram interrompidas pelo som perfurante de um tiro. — Stefan? — gritou de novo, o pânico crescendo dentro dela. — Está tudo bem?

Silêncio absoluto. Mas Judith sabia muito bem o que ouvira. Alguém tinha disparado uma arma, não tinha? E, segundos antes, Stefan havia gritado. E se ele estivesse sangrando por causa de um ferimento de bala e precisasse de resgate?

Ela nadou em direção a casa de Stefan o mais rápido que pôde, mas ao chegar à margem, percebeu que tinha um problema: além dos juncos, Stefan havia instalado metal corrugado em toda a extensão do vão entre seu gramado e a água para protegê-lo da erosão do rio. Ela sabia que nadar entre os juncos cortaria seu corpo em pedacinhos, e mesmo que chegasse até a terra firme, não conseguiria se içar para fora da água. Não teria forças o bastante.

À frente, podia ver uma canoa azul enfiada entre os juncos. Será que conseguiria usá-la de algum jeito para sair da água? Ela tentou agarrar uma extremidade, mas a pegada não estava firme, o barquinho ficava balançando e boiando como uma rolha, e Judith percebeu que não teria equilíbrio para escalá-lo. Mesmo assim, tentou uma última vez, e quase conseguiu subir na parte de trás. E então, bem lentamente, ela e a canoa viraram. Ela perdeu o controle e caiu de volta na água com um respingo desajeitado.

Voltou à superfície em busca de ar e chacoalhou a água do cabelo. A canoa estava fora de cogitação, então o que mais poderia fazer?

Judith nadou de volta para o meio do rio, procurando desesperadamente por alguém que pudesse ajudar. Onde estavam as pessoas com seus cães ou os casais trocando carícias quando se precisava deles? Ela não via ninguém. Havia apenas uma coisa a se fazer. Virou-se e nadou para o casarão o mais rápido que pôde.

Chegando à casa de barcos, Judith saiu da água, ofegante, mas não havia tempo a perder. Vestiu a capa e se apressou pelo gramado, virando-se para olhar o que conseguia ver da casa de Stefan. Apenas metade de seu jardim era visível por trás do salgueiro-chorão que crescia sem controle na margem dela.

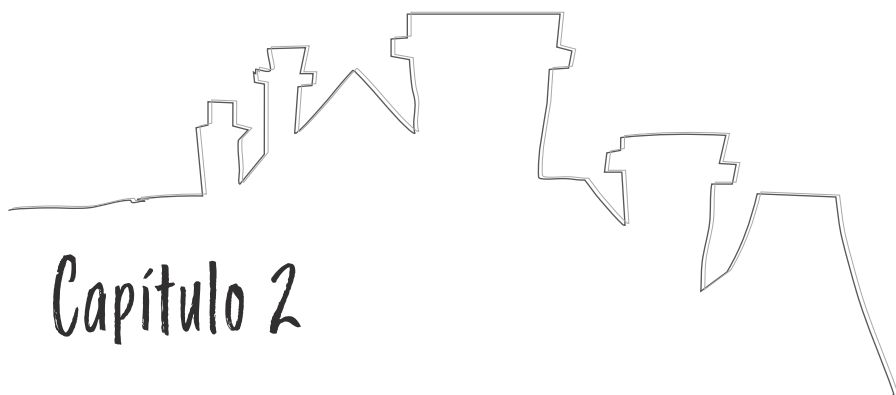
Ela correu para casa, pegou o telefone e discou para a emergência. Enquanto esperava a ligação ser completada, foi até a janela saliente para ficar de olho na propriedade de Stefan.

— Preciso da polícia aqui! — exclamou Judith assim que a ligação foi atendida. — Houve um tiroteio na casa do meu vizinho! Depressa! Alguém foi baleado!

O atendente pegou o endereço de Stefan, anotou o que Judith tinha presenciado, informou que o serviço de emergência estaria a caminho e encerrou a ligação. Ela se sentiu profundamente frustrada. Com certeza havia algo mais que poderia fazer, ou alguém para quem pudesse telefonar. Talvez a Guarda Costeira? Afinal, tratava-se de uma catástrofe perto da água. Ou, quem sabe, alguns voluntários com barcos salva-vidas?

Judith espiou a propriedade de Stefan. Ainda estava lá, aparentemente intocada, sob o sol de fim de tarde. Se alguém estivesse no rio naquele exato momento, e tivesse tido a oportunidade de olhar para o casarão de Judith, teria visto uma mulher muito baixa e meio rechonchuda, com quase oitenta anos e cabelos grisalhos bagunçados, parada completamente nua em sua janela saliente, com uma capa sobre os ombros como se fosse algum tipo de super-heroína. O quê, de muitas maneiras, Judith era.

Ela só não sabia disso ainda.



Capítulo 2

Meia hora depois, Judith viu uma viatura da polícia chegar à propriedade de Stefan e um oficial uniformizado desembarcar. Ela tentou ao máximo manter os binóculos apontados para o homem enquanto ele olhava pelas janelas do vizinho e inspecionava rapidamente o jardim. Ela queria gritar, lá do outro lado do rio, que o policial deveria investigar com mais atenção, mas se conteve. Precisava acreditar que ele sabia o que estava fazendo e encontraria evidências do que quer que tivesse acontecido.

Porém, depois de vinte minutos do que só podia ser descrito como uma busca superficial, o policial voltou ao veículo e foi embora.

Só isso? O homem não se dera ao trabalho de inspecionar o jardim direito, nem sequer havia entrado na casa de Stefan. Talvez tivesse ido buscar reforços? Então ela continuou olhando.

À meia-noite, Judith percebeu que não havia mais uísque na garrafa que ficava na mesinha ao lado. Isso sempre era um sinal para ir dormir. Enquanto subia, tonta, a robusta escada de carvalho, percebeu que precisava segurar o corrimão com um pouco mais de firmeza do que o habitual. Então virou à esquerda para ir até o quarto, quando, na realidade, ele ficava à sua direita. Mas, uma vez que corrigiu seu curso e tropeçou de leve em uma aspidistra obstinada, chegou em segurança ao destino.

Judith adorava seus aposentos. Os painéis de madeira eram verde-claros, e havia uma majestosa cama com dossel e uma tapeçaria retratando uma cena de caça medieval. O fato de o cômodo estar coberto por roupas velhas, restos de refeições e pilhas de jornais e revistas descartados não

a incomodava nem um pouco. Judith nunca notava a bagunça. Na verdade, permitia que o caos a envolvesse da mesma forma que deixava o rio abraçá-la quando ia nadar. Quanto mais bagunçado seu quarto, mais protegida e segura ela se sentia.

Na manhã seguinte, Judith foi acordada pelo som do telefone tocando. Ela esticou a mão para alcançá-lo, vendo com olhos turvos que mal eram dez horas da manhã.

— Alô — resmungou.

— Bom dia — disse uma voz feminina, em tom eficiente. — Sou a investigadora Tanika Malik, da delegacia de Maidenhead. Estou acompanhando o incidente que você relatou na propriedade do sr. Dunwoody ontem à noite.

— Ah, obrigada por me ligar — disse Judith, ainda meio grogue.

A oficial explicou que havia enviado um policial para inspecionar a residência e o jardim do sr. Dunwoody, e ele não encontrara nada digno de nota, então ela estava ligando para informar Judith que não tinha motivos para preocupações.

— Mas eu sei o que ouvi! — disse Judith.

— Sim, o relatório informou que você ouviu um tiro.

— Não foi só um tiro. Ouvi uma pessoa gritar algo do tipo “Ei, não!”, e depois veio o tiro.

— Pelo que entendi, você estava nadando no rio na hora. Tem certeza de que foi, de fato, um tiro?

Agora, Judith estava completamente acordada e bastante irritada.

— Eu cresci em uma fazenda. Sei reconhecer o som de uma arma.

— Mas e se foi outra coisa?

— Como o quê?

— Bem, talvez tenha sido o escapamento de um carro, por exemplo.

Judith não pensou nisso. Ela refletiu por um momento antes de responder.

— Não. Tenho certeza de que eu saberia se fosse um carro. Foi um tiro. Imagino que esse seu policial tenha relatado que o carro de Stefan ainda está estacionado na casa dele?

— Por que está mencionando isso?

— Porque presumo que Stefan não atendeu ao telefone quando você ligou para ele, não é?

— Desculpe, não estou acompanhando sua linha de raciocínio. Que ligação?

— Você deve ter ligado para ele ontem à noite.

— Receio não ter permissão para compartilhar detalhes específicos do caso com você.

— Uma vizinha relatou sons de tiro vindos da propriedade, é claro que você ligou para saber como Stefan estava. E o fato de você não ter me dito que ele atendeu, sugere que ele *não* o fez. Então, já que o carro dele ainda está na casa, bem, isso me faz desconfiar de que há algo acontecendo com ele. Afinal, se você está em casa, atende ao telefone. Se sai, vai com seu carro. Pelo menos alguém que tem um carro faria isso. Eu não tenho um.

A policial não respondeu de imediato.

— Você realmente pensou no assunto — disse ela, por fim.

— Foi tudo em que consegui pensar ontem à noite. Fiquei muito preocupada com meu vizinho. E se ele levou um tiro e o culpado escapou? Na verdade, e se Stefan estiver agora mesmo sangrando em uma vala?

— Não acho que ele esteja em uma vala. Tenho certeza de que há uma explicação bem boba para tudo isso. Não havia nenhum indício em sua propriedade de que algo ruim tivesse acontecido, e não é tão incomum alguém ignorar o telefone. É época das festas de fim de ano. As pessoas estão viajando. Tenho certeza de que o sr. Dunwoody aparecerá nos próximos dias. E assim que isso acontecer, eu te aviso. Sério, não há nada com que se preocupar.

A investigadora encerrou a ligação agradecendo a Judith por ser uma vizinha tão cívica.

Então Judith ficou na cama sem saber o que fazer. Será que a investigadora Malik estava certa? Haveria, de fato, uma explicação boba para o que ela ouvira na noite anterior? Afinal de contas, tinha uma certeza: assassinatos simplesmente não aconteciam em Marlow.

Ela decidiu deixar o assunto de lado e focar seu trabalho.

Quando Judith herdou o casarão de sua tia-avó Betty, em 1976, também recebeu uma carteira de ações que lhe fornecia uma renda modesta, então ela não precisava trabalhar, mas nada jamais a teria feito desistir de seu emprego. Ela o amava demais.

Judith compilava palavras cruzadas para os jornais nacionais. Ela produzia duas ou três por semana, e as horas que passava todos os dias trabalhando nesses quebra-cabeças eram um refúgio querido para sua mente. Quando estava criando palavras cruzadas, uma calma descia sobre ela e Judith era capaz de se perder por longos períodos de tempo enquanto trabalhava com esmero em todas as permutações de um anagrama particularmente satisfatório, ou considerava que uma frase ou palavra elegante poderia ser interpretada de mais de uma maneira.

Atravessou a sala de estar até a mesa de carteado perto da janela saliente e alisou o tampo de tecido verde. Em seguida, esticou a mão para uma prateleira e puxou uma folha de papel quadriculado. Escolheu um dos lápis 2B de sua caneca cheia de lápis e, embora ele não precisasse ser apontado, enfiou a madeirinha no apontador de mesa. O aparelho agarrou a ponta, o velho motor elétrico fazendo barulho enquanto girava, e o lápis que removeu alguns segundos depois não era um instrumento de escrita, estava mais para uma arma letal.

Judith sorriu para si mesma. Um lápis apontado. Os quadradinhos vazios no papel diante dela. A batalha pela frente.

Sentando-se, ela pegou sua régua de madeira e começou a traçar uma grade de quadrados de quinze por quinze. Em seguida, pintou um padrão de quadradinhos mais escuros ao redor de uma única linha simétrica, de modo que cada parte mais escura tivesse uma gêmea refletida à direita. Não havia um padrão específico que seguisse, eram, principalmente, suas muitas décadas de experiência que guiavam suas mãos.

Após dividir a grade, tudo o que precisava fazer era preencher os espaços em branco com palavras. Isso, ela sabia, levaria cerca de uma hora; e só quando estivesse satisfeita por ter uma coleção interessante de vocábulos que se cruzavam uns com os outros é que finalmente pensaria na criação das pistas.

Quanto às pistas que Judith gostava de colocar, evitava aquele estilo propositalmente confuso que muitos autores preferem, como os enigmas quase impossíveis de se resolver que costumavam aparecer

mensalmente na revista *Listener*. Ela sentia que havia algo um pouco “masculino” demais na forma como tentavam mostrar o quão inteligentes eram.

“Olhem para mim”, pareciam estar dizendo, “nunca vão adivinhar essa minha ideia brilhante”.

Em vez disso, como muitos da área, ela seguia os princípios de Ximenes, o lendário criador de palavras cruzadas do jornal *Observer* durante os anos de 1939 a 1972. Assim, suas pistas precisavam ter duas faces — a literal de um lado, o enigma do outro. E as duas metades deveriam, no fim das contas, “jogar limpo” com quem tentasse solucioná-las, com a pequena ressalva de que se uma pista fosse engenhosa ou espirituosa o suficiente, Judith estava disposta a quebrar as regras vez ou outra. Esta manhã, no entanto, a inspiração não era sua companhia. Tendo feito os quadrados pintados e espaços em branco, ela não conseguia escolher as palavras corretas com as quais preencher a grade. Faltava-lhe determinação. Era Stefan, ela sabia. Ela não conseguia se concentrar. Precisava saber se ele estava bem.

Judith pegou seu tablet. Não era muito fã do aparelho, mas era útil para fotografar e enviar suas palavras cruzadas por e-mail para os jornais, então ela o aceitara há alguns anos.

Levou-o até a altura do rosto, mas o aparelho idiota se recusou a desbloquear, falhando no reconhecimento facial. Judith bufou, mais uma vez amaldiçoando as indignidades de ser uma mulher mais velha. O mundo moderno a tratava como se ela fosse totalmente invisível, e até mesmo seu próprio tablet a criticava por não se parecer adequadamente com ela mesma. Mas não fazia sentido tentar lutar contra a tecnologia. Aprendera isso há muito tempo em um incidente que envolveu um iMac vermelho, um cabo elétrico que não era longo o bastante e uma ida ao pronto-socorro.

Judith respirou fundo e se recompôs. Levantou o tablet e o encarou outra vez. Nada aconteceu.

Coisinha maldita! Resmungando sozinha, digitou a senha e abriu o navegador. Talvez alguma notícia sobre Stefan tenha saído nas últimas vinte e quatro horas.

Digitou “Stefan Dunwoody” na barra de pesquisa, mas todos os resultados lhe informaram que ele era dono de uma galeria de arte em

Marlow chamada Belas-Artes Dunwoody, fato que ela já sabia. Como queria ser minuciosa, passou para as outras páginas de resultados.

Entretanto... o que era aquilo? Um dos últimos resultados era uma matéria do jornal local *Bucks Free Press*. Foi a manchete que chamou sua atenção: CONFLITO DURANTE A HENLEY REGATTA.

Ao clicar no link, pegou-se lendo um artigo resumindo a famosa competição de barcos Henley Royal Regatta, há seis semanas.

Recebemos a informação de que Stefan Dunwoody, dono de uma galeria de arte local, entrou em uma disputa embriagada no Royal Enclosure com Elliot Howard, proprietário da Casa de Leilões de Marlow. De acordo com nosso passarinho, quando o sr. Howard ameaçou dar um soco no sr. Dunwoody, os seguranças foram chamados e os homens foram expulsos à força.

Judith colocou seu tablet de lado. Então Stefan havia se envolvido em uma briga de bêbados durante o evento com alguém chamado Elliot Howard; e agora, apenas algumas semanas depois, houve outro tipo de confronto em sua propriedade.

Um confronto em que alguém disparou uma arma.

E então Stefan desapareceu.

Que se dane, pensou Judith conforme atravessava a sala de estar, pegava a capa do cabide e saía do casarão.

Ela desceu até a casa de barcos, aproximou-se de um velho barquinho achatado que estava meio dentro, meio fora d'água, e lhe deu um empurrão com o pé. Subiu na popa e agarrou a longa vara que servia para guiar esse tipo de embarcação enquanto a proa batia nas portas podres da casa de barcos e escorregava para o rio.

Apesar da idade avançada, Judith era especialista naquele tipo de embarcação. Com um movimento dos pulsos, enfiou a vara no leito do rio, curvou-se e empurrou com toda a força. Conforme o barco disparava para a frente, ela mexeu a vara para cima e para fora da lama macia, dando o impulso necessário para cruzar o rio.

Quando chegou ao outro lado, na parte rasa do rio, não foi difícil avançar os quase cinquenta metros até a propriedade de Stefan. Usou a proa do barco para penetrar na parede de juncos que protegia aquela

margem e subir em suas terras. Judith não precisava atracar. Cercado daquele jeito pelas plantas, o barco não iria a lugar nenhum.

Verificando seu relógio, viu que há pouco mais de oito minutos estava sentada em sua sala, e agora ali estava, no antro do misterioso desaparecimento de seu vizinho.

Judith achava a casa de Stefan realmente esplêndida. Era um moinho de água que foi transformado em moradia, sua roda de madeira ainda girava de modo preguiçoso; janelas de vidro retangulares e de tamanhos diferentes foram posteriormente inseridas na construção. A casa era agradavelmente antiquada e moderna ao mesmo tempo.

Ela foi até a garagem para verificar o carro de Stefan. Judith não entendia nada sobre carros, e se importava muito pouco com isso, então, tudo o que conseguiu concluir foi que o veículo era cinza e estava brilhando, sem uma única mancha de sujeira sequer. Ela não viu nenhuma outra marca de pneu no cascalho, ou qualquer outra indicação que sugerisse que Stefan tivesse saído de casa em um veículo diferente.

Decidiu dar uma volta pelo jardim, tentando descobrir de onde o som do tiro poderia ter vindo, mas era difícil se situar com precisão quando seu único ponto de referência era de uma posição no rio, abaixo da altura dos juncos.

Na verdade, levou apenas alguns minutos andando e inspecionando as margens para Judith perceber que ela nem sabia o que estava procurando. Uma gota de sangue na grama? Uma pegada lamacentas?

Ela olhou para a roda de madeira girando na lateral da casa e para o lago à frente. Apesar do calor, a água estava escura, e Judith estremeceu ao pensar nisso. Algo sobre massas de água parada a assustava. Entretanto, enquanto olhava, ela percebeu que a superfície não estava totalmente parada. Havia uma corrente suave fazendo-a se mexer. Para onde a água estava indo?

Judith andou ao redor do lago até ver que ele desaguava em um rio com cerca de três metros de largura. Onde as águas se encontravam, havia uma estreita passagem de tijolos que cruzava de um lado ao outro do jardim. Ela pensou no rio além da represa. Ele tinha que desaguar no Tâmis de alguma forma. Mas era difícil ver exatamente como, já que Stefan deixara aquela parte do jardim crescer sem manu-

tenção, e a água sumia sob arbustos densos e moitas que se aglomeravam em ambas as margens.

Com um suspiro, Judith percebeu que teria de seguir o curso do rio. Ela precisava ser minuciosa. Então abriu caminho entre os arbustos, com galhos açoitando seu corpo e teias de aranha grudando em seu rosto e cabelo enquanto se esforçava para alcançar o outro lado.

Ao chegar, se decepcionou. Aquela parte do jardim estava ainda mais descuidada, mas ela podia ver que o rio passava por algumas barras de ferro até uma represa de concreto que devolvia a água ao Tâmis. Não havia nada de interessante para ver.

Entretanto, enquanto recuperava o fôlego após o esforço, ela percebeu algo no ar, um odor fétido, como se tivesse uma pilha de compostagem por ali. Será que era o rio? Ela olhou para a água fluindo através da grade. Um velho galho de árvore estava meio submerso, bloqueando a água e fazendo as folhas se acumularem.

Foi aí que Judith percebeu uma coisa.

Aquilo na água não era um galho.

Era um braço humano.

Estava boiando, a pele da mão branca como mármore. E, mais fundo, Judith conseguia distinguir o corpo.

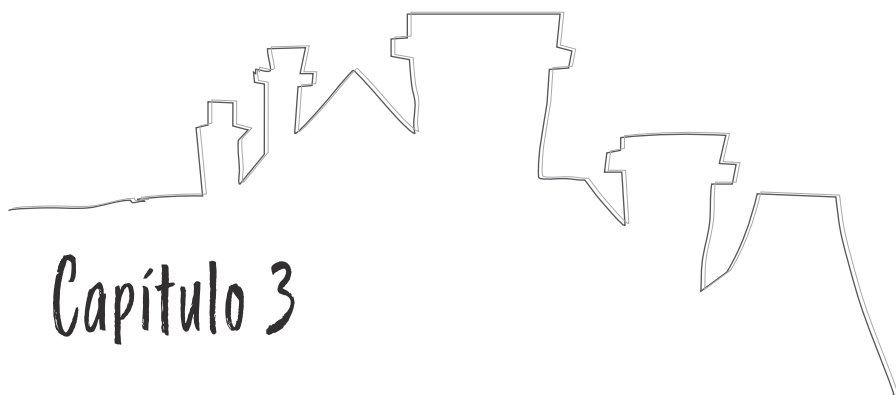
Era Stefan Dunwoody.

E no meio de sua testa havia um pequeno buraco escuro. Um buraco de bala.

Judith cambaleou para trás, sua mão indo até o pescoço.

Ela estivera certa o tempo todo.

Stefan Dunwoody, seu amigo, seu vizinho, foi morto a tiros.



Capítulo 3

Uma hora depois, Judith se encontrava sentada em um banco no jardim de Stefan prestando depoimento para a investigadora Tanika Malik. A policial estava na casa dos quarenta e poucos anos, usava um terninho elegante e tinha um ar de pessoa eficiente e didática que Judith já estava achando irritante.

— Mas eu não entendo, sra. Potts. Está dizendo que *voltou* para a propriedade do sr. Dunwoody?

— Sim — respondeu Judith, seu queixo erguido em desafio. — É como eu te disse ao telefone: tenho certeza de que ouvi um grito e um tiro ontem à noite. E se seu policial não ia investigar direito, pensei que eu deveria fazê-lo.

— Teve algum outro motivo para você ter retornado aqui?

— Não entendi.

— Você esperava encontrar um corpo?

— Não, claro que não.

— Ainda assim, você encontrou um, não foi?

— O que é mais do que seu policial conseguiu, não posso evitar o pensamento. Agora me diga, você sabia que Stefan teve um conflito com um homem chamado Elliot Howard há algumas semanas?

— Perdão?

Judith contou à policial sobre o artigo do jornal local que relatou a discussão entre Stefan e o proprietário da Casa de Leilões de Marlow, Elliot Howard, durante a Henley Royal Regatta.

— Isso foi há seis semanas?

— Sim.

— Entendi. — A investigadora Malik pensou por um momento.

— O que foi? — perguntou Judith.

— Posso te fazer uma pergunta? Como vizinha do sr. Dunwoody?

— É claro.

— Veja, é um procedimento padrão cruzar referências de nomes ou objetos citados por testemunhas com o banco de dados da polícia. Então procurei pelo sr. Dunwoody. A ficha dele é limpa. Ele é dono da galeria de arte de Marlow, mora sozinho, nada anormal. Mas, cinco semanas atrás, ele denunciou um assalto.

— É mesmo? O que foi roubado?

— Aí que está. Ele informou que saiu para um restaurante com alguns amigos e, ao chegar em casa, descobriu que alguém tinha quebrado uma janela e invadido sua propriedade. Porém, quando um policial chegou para recolher seu depoimento, o sr. Dunwoody admitiu que não sentiu falta de nada.

— Nada foi roubado?

— Foi o que ele nos contou. Ainda assim, com certeza houve uma invasão. Mas o computador dele ainda estava lá, assim como sua coleção de arte. E posso te dizer que o sr. Dunwoody possui várias pinturas a óleo, e nenhuma delas foi roubada.

— Isso foi há cinco semanas? Uma semana *depois* do conflito na regata?

— Presumo que sim. O sr. Dunwoody mencionou a invasão para você?

— Eu não falava com Stefan há semanas, infelizmente.

— Ou você notou algo suspeito à época? Talvez alguém espreitando a propriedade dele? Quem sabe um carro diferente do que costumava ver estacionado por perto?

— Não, infelizmente. Sinto muito. A primeira vez que notei que algo estava errado foi quando ouvi Stefan sendo assassinado ontem à noite.